

ARTE E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA**ART AND GEOGRAPHICAL EDUCATION****ARTE Y EDUCACIÓN GEOGRÁFICA****Alessandro Dozena¹****RESUMO**

A geografia e a arte evidenciam potencialidades em suas aproximações, a partir de três horizontes aqui abordados: Arte e ciência como narrativas inacabadas de mundo, e não hierárquicas; Diálogos entre geografia e arte: entre o inteligível e o sensível; e horizontes geográfico-artísticos vindouros. O artigo objetiva demonstrar que a arte atualmente produzida em contextos espaciais distintos pode complementar o conhecimento geográfico e revelar saberes espaciais, sobretudo nos ambientes urbanos. A sensibilidade, o conhecimento e os modos de vida dos artistas nas cidades, com suas criações, olhares e intervenções originais, podem ser uma rica contribuição para melhor compreender e intervir nos espaços públicos. As manifestações artísticas nas cidades atuam como ferramentas geográficas que permitem compreender os movimentos de construção do caráter público dos espaços. Por fim, realizamos o convite para que assumamos, cada vez mais, uma atitude de geógrafos(ãs) da arte, nos variados contextos espaciais de produção artística.

Palavras-chave: experimentações; geógrafos; artistas.

ABSTRACT

Geography and art show potentialities in their approaches, from the three horizons discussed here: Art and science as unfinished narratives of the world, and non-hierarchical; Dialogues between geography and art: between the intelligible and the sensitive; and forthcoming geographic-artistic horizons. The paper aims to demonstrate that the art currently produced in different spatial contexts can complement geographic knowledge and reveal spatial knowledge, especially in urban environments. The sensitivity, knowledge, and ways of life of artists in cities, with their creations, perspectives, and original interventions, can be a rich contribution to better understand and intervene in public spaces. Artistic manifestations in cities act as geographic tools that allow understanding the movements of construction of the public character of spaces. Finally, we extend an invitation to increasingly assume an attitude of geographers of art, in the various spatial contexts of artistic production.

Keywords: experimentations; geographers; artists.

RESUMEN

La geografía y el arte evidencian potencialidades en sus aproximaciones, a partir de los tres horizontes aquí abordados: Arte y ciencia como narrativas inacabadas del mundo, y no jerárquicas; Diálogos entre geografía y arte: entre lo inteligible y lo sensible; y horizontes geográfico-artísticos venideros. El artículo tiene como objetivo demostrar que el arte actualmente producido en distintos contextos espaciales puede complementar el conocimiento geográfico y revelar saberes espaciales, especialmente en los entornos urbanos. La sensibilidad, el conocimiento y los modos de vida de los artistas en las ciudades, con sus creaciones, miradas e intervenciones originales, pueden ser una rica

¹ Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Natal-RN, <https://orcid.org/0000-0001-9910-5715>, sandozena@gmail.com

contribución para comprender mejor e intervenir en los espacios públicos. Las manifestaciones artísticas en las ciudades actúan como herramientas geográficas que permiten comprender los movimientos de construcción del carácter público de los espacios. Finalmente, realizamos la invitación para que asumamos, cada vez más, una actitud de geógrafos(as) del arte, en los diversos contextos espaciales de producción artística.

Palabras clave: experimentaciones; geógrafos; artistas.

INTRODUÇÃO

É com enorme satisfação que lhes apresento uma reflexão que é fruto da minha atuação como docente no módulo "Educação Geográfica e Inteligência Espacial" do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu "Leitura + Neurociências na Educação Integral", da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nele, abordo a potência das artes em evidenciar as aproximações entre educação, arte e geografia.

Essas aproximações me motivam a vislumbrar possibilidades de diálogos com as pesquisas sobre educação e neurociências, que gradativamente, foram ganhando vigor no módulo por mim trabalhado, sempre interessado pelos fatos artísticos em sua dimensão espacial, e as possibilidades da reverberação destes no campo do ensino.

A arte nas cidades, sobretudo em seus espaços públicos, proporciona muitas experiências de encontros entre pessoas, e entre as distintas formas de arte. Como cidadãos(ãs) temos o direito de usufruir da arte nas cidades, e esse direito somente pode ser completamente efetivado nos espaços públicos, e na convivência por ele suscitada.

A música, a dança, as artes de rua entre outras manifestações artísticas, guardam o potencial de harmonizar a vida coletiva, e de torná-la mais jubilosa. Compartilhamos em nosso cotidiano público coletivo, por vezes sem nos darmos conta, de performances, coreografias, declamações poéticas, espetáculos musicais, espetáculos de magia, espetáculos humorísticos entre outras expressões artísticas.

Esse fato não desconsidera o esvaziamento ocorrido nos espaços públicos em decorrência da privatização dos encontros pessoais, das festas, dos saraus, das rodas de samba, das rodas de choro, dos bailes públicos nas praças, das instalações artísticas, manifestações que por vezes se transferiram para as casas. E sem dúvida, a pandemia e o isolamento por ela provocado nos anos de 2020 e 2021, exacerbou esse esvaziamento, iniciado com as narrativas sistemáticas sobre a insegurança nos espaços públicos. Mas, por outro lado, a arte nas cidades nos convida à interação, a confluência e a comunhão

nas ruas e praças públicas. A arte pode nos auxiliar a pensar, a planejar outras realidades e a colocar em movimento o constante exercício das experimentações.

Considero a premissa de que geografia e arte (escritas com letras minúsculas) expressam a possibilidade de se constituírem em experimentações que transcendem os limites do raciocínio acadêmico formalmente instituído, e tornam-se campos capazes do estabelecimento de um interessante diálogo, plural e motivador.

Penso ainda na possibilidade do entendimento de que geografia e arte são transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões e envolvem criações: literárias, sonoras, relacionadas à dança, teatro, desenho animado, arquitetura, escultura, pintura, cinema, design, gastronomia, fotografia, vídeos, cartografia, entre outras elaborações, que se constituem em diálogos possíveis de práticas que enredam as experiências vividas espaço-artisticamente.

Ao perceber que as fronteiras disciplinares podem ser momentaneamente rompidas com articulações não hierárquicas, as temáticas comuns entre os dois campos emergem vigorosas e desprovidas de intolerâncias e argumentos acerca da falta de rigor científico; argumentos que, aliás, contribuem para a consolidação das disciplinas científicas como instituições de poder.

Ao contrário, temos visto cada vez mais a manifestação de reflexões no campo da pesquisa e do ensino, que sugerem um caráter lúdico e vívido e arriscam colocar em movimento o exercício da desconstrução de uma ciência mais afeita às regras e padrões normativos que aprisionam as suas artes. Assim sendo, buscamos destacar múltiplas possibilidades e encaminhamentos capazes de afirmar uma ciência-arte geográfica criativa e original.

Estou convencido de que a arte atualmente produzida em contextos espaciais distintos pode complementar o conhecimento científico, e revelar saberes espaciais; sobretudo nos ambientes urbanos. E ainda, que a arte é fundamental para a criação de outras realidades pelas inspirações criativas que dela brotam, permitindo que a geografia se reorganize teórico-metodologicamente, em sua relação próxima, com e no mundo.

A sensibilidade, o conhecimento e os modos de vida dos artistas nas cidades, com suas criações, olhares e intervenções originais, podem ser uma rica contribuição para melhor compreender e intervir nos espaços públicos, fornecendo-nos parâmetros adicionais para a nossa experiência de mundo e para a invenção de novos cenários diante dos problemas nas grandes cidades.

Os olhares dos artistas nas cidades iluminam os olhares dos(as) professores(as) e pesquisadores(as). Por outro lado, as cidades emergem como lugares de inspiração e de experimentação privilegiada aos artistas, sobretudo as grandes cidades, pela diversidade de seus habitantes, com seus ritmos, seus ruídos e sua complexidade.

Imergindo na cidade diariamente, o(a) criador(a) vê sua inspiração e suas regras de criação profundamente modificadas. Dificilmente ele sai ileso da crise, tanto física quanto social, que afeta o urbano. A cidade é igualmente adornada com novas cores, sons e estéticas com as artes de rua, efêmeras e deambulatórias. Com o teatro de rua, por exemplo, alguns espaços das cidades tornam-se palcos.

Por isso, a arte em geral e a criação artística em particular, a partir de seus lugares, seus atores, sua relação íntima com a cidade, constituem não apenas um objeto de estudo fértil para a geografia, mas também uma entrada relevante para os professores que tentam decifrar as complexidades do urbano.

Nesses horizontes geográfico-artísticos que se anunciam, há fertilizações recíprocas entre a cidade e os artistas, e a arte se renova por suas margens. Tanto na arte quanto na ciência são frequentemente as margens que revigoram o centro, em um diálogo contínuo. Para mim, é nítido que essas renovações estão acontecendo, inclusive nas interfaces entre a educação e a alfabetização, a partir de práticas pedagógicas lúdicas na educação das crianças.

Muitas pesquisas retratam tais práticas de modo criativo, evidenciando suas experiências lúdicas e motivadoras, que igualmente retratam suas próprias experiências profissionais e utilizam procedimentos artísticos para retratar algumas aproximações entre o processo de alfabetização e a literatura/contação de histórias.

Procurarei evidenciar algumas dessas potencialidades de aproximações a partir de três horizontes:

- a) Arte e ciência como narrativas inacabadas de mundo, e não hierárquicas;
- b) Diálogos entre geografia e arte: entre o inteligível e o sensível;
- c) Horizontes geográfico-artísticos vindouros.

Objetivarei demonstrar que a arte atualmente produzida em contextos espaciais distintos pode complementar o conhecimento geográfico, e revelar saberes espaciais; sobretudo nos ambientes urbanos.

1. ARTE E CIÊNCIA COMO NARRATIVAS INACABADAS DE MUNDO, E NÃO HIERÁRQUICAS

Esse debate está presente em vários autores(as), a exemplo de Deleuze e Guattari (1991) ao não diferenciarem hierarquicamente arte e ciência, e exporem que a ciência constrói modelos, a arte constrói blocos de sensações e a filosofia constrói conceitos.

Eventos e publicações que abarcam artistas e produções artísticas espacialmente delimitadas se ampliam no atual momento, em que somos convidados a sermos geógrafos(as) das artes no plural (do mesmo modo que existem historiadores da arte), integrando as manifestações artísticas em nossas pesquisas e cruzando as expressões artísticas para irmos mais além.

Há na atualidade o desenvolvimento de reflexões sobre a arte, sendo que a geografia humanista-cultural brasileira tem sido nas últimas décadas especulativa e ao mesmo tempo imaginativa em suas pesquisas em nível internacional, tendendo hoje a se afirmar como uma disciplina analítica da arte. Um exemplo deste fato é a presença constante de discussões sobre geografia e arte nos principais eventos nacionais recentes de geografia humanista-cultural.

As produções artísticas de todos os tipos, seus agentes e suas diferentes perspectivas, são estímulos que têm sido mobilizados pelos geógrafos(as) na análise e interpretação do espaço e da produção cultural em contextos territoriais distintos. Por isso constatamos o fascínio pelos estudos que estão na fronteira entre as artes e a geografia, e que acionam diretamente a perspectiva espacial.

Esse encanto tem envolvido não somente geógrafos, mas também urbanistas, historiadores das artes, pedagogas, sociólogos entre outros(as). Há muito tempo a arte tem sido um modo de pensar complementar aos geógrafos. Um de nossos principais autores clássicos, Elisée Reclus, era um artista, por vezes por suas realizações cartográficas e por outras por sua amizade com artistas (neo) impressionistas que influenciaram o seu pensamento; a ponto de Réclus conceber o mundo como uma obra (FERRETTI, 2014).

Federico Ferretti, ao comentar a longa carreira de Élisée Reclus como geógrafo e ativista, destaca que ele se preocupou com as artes figurativas, especialmente a pintura:

Em sua longa carreira como geógrafo e ativista, Élisée Reclus (1830-1905) preocupou-se com as artes figurativas e, em particular, com a

pintura, ao menos sob três aspectos. O primeiro, sua colaboração com vários artistas para a construção do rico aparato iconográfico de suas obras. É o caso de Charles Perron (1837-1909) e André Słomczynski (1844-1910), responsáveis respectivamente pelos mapas e desenhos da Nova Geografia Universal; por Léon Benet (1839-1916), desenhista de Jules Verne, que ilustrou a História de uma montanha e a História de um riacho; de František Kupka (1871-1957), um dos pais da abstração, que ilustrou igualmente O homem e a terra. A segunda, seu contato direto com pintores que compartilhavam suas abordagens científicas e políticas, principalmente Gustave Courbet (1819-1877), ativista da Comuna de Paris de 1871, Camille Pissarro (1830-1903), simpatizante do anarquismo, Auguste Baud-Bovy (1848-1899), participante das redes de sociabilidade de Reclus e de seus colegas na Suíça. O terceiro, sua influência sobre os pintores neo-impressionistas, que foram inspirados tanto por sua geografia quanto por seu anarquismo, como Paul Signac (1863-1935) e Maximilien Luce (1858-1941) (FERRETTI, 2014, p. 1, tradução própria).

Ferretti relata a passagem de Elisée Reclus em um evento na Sociedade Geográfica Real de Londres em 1903, quando o geógrafo-artista apresentou o Atlas Globular concebido em parceria com o cartógrafo belga Émile Patesson, composto por mapas em chapas de alumínio pintadas e curvas, e iniciou a sua conferência com a afirmação: "Falo aqui não como geógrafo, mas como artista" (Reclus et al., 1903, p. 298) citado por Ferretti (2014, p. 11, tradução própria)²

A experiência e vida de autores como Reclus nos comprovam que a arte pode ser uma porta de entrada fértil para se compreender a dinâmica espacial contemporânea, ampliar abordagens criativas, aprimorar os procedimentos metodológicos, as representações conceituais e cartográficas, e permitir o entendimento mais apurado dos espaços.

Abre-se nesse sentido a possibilidade de uma pluridisciplinaridade, o que tem acarretado novos temas, categorias e abordagens teórico-metodológicas que se nutrem desses vários ramos de pesquisas relacionadas diretamente às artes, e acabam fomentando o questionamento acerca da cientificidade objetiva extremada por vezes proposta por abordagens da geografia contemporânea.

Ampliando essa ideia, consideramos que a arte atua por meio de representações que nos instruem sensivelmente sobre o *modus operandi* de uma sociedade, e participa vigorosamente da construção das representações dos espaços. Ao tomá-la como tema de pesquisa, a arte, ou mais precisamente as espacialidades do mundo da arte, podemos

² Para maiores detalhes dessa conferência, consultar: RECLUS E. et al. (1903), « On spherical maps and reliefs » and « Discussion », *The Geographical Journal*, 3, p. 290-299. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1775189?seq=4#metadata_info_tab_contents

considerá-las como um modo de ver e compreender as dimensões sócio-espaciais relacionadas ao posicionamento e ao papel estabelecido pela arte e pelos artistas, sobretudo em contextos urbanos (BOICHOT, 2014).

Estou convencido de que arte e ciência são narrativas inacabadas de mundo, não hierárquicas, possibilitadoras da expansão de um horizonte de conhecimento espacial, como já nos alertaram John Wright (1947) e Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (2009). E como também nos advertiu Eduardo Marandola Junior (2010) em interlocução com Aduino Novaes (1994), ao ponderar que "a razão, a lógica, a emoção, a sensação e a imaginação estão presentes tanto na manifestação artística quanto no trabalho científico" (MARANDOLA JR., 2010, p. 23, tradução própria).

2. DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E ARTE: ENTRE O INTELIGÍVEL E O SENSÍVEL

As artes permitem a configuração de uma geografia existencial e subjetiva, pela elaboração de um conhecimento sensível dos territórios, que coloca em dúvida as oposições entre o real e o imaginário, e entre o conhecimento e a ficção.

Do mesmo modo, as artes permitem alcançarmos as evidências pesquisadas por caminhos mais curtos. Ao acionarem os imaginários temos uma referência analógica: a realidade, que nunca é um par perfeitamente fiel. E é na essência da vinculação "entre o real e a imagem, que temos o conteúdo da noção de imaginário" (DEBARBIEUX, 2004, p. 1, tradução própria).

O autor assevera que temos que continuar resistindo em aceitar uma concepção única positivista de ciência, "tal como prevaleceu na geografia até a metade do séc. XX, e que ainda postula que as imagens produzidas (mapas e fotografias por exemplo) evidenciam o real como ele verdadeiramente o é" (Idem).

Igualmente, os artistas realizam a poetização diária do mundo, naquilo que Matthias Youchenko nomeou como sendo a configuração de uma carta de identidade topológica (YOUCHENKO, 2007, p. 55) produzindo inclusive, nesse processo, cartografias poéticas, como já abordadas por Seemann (2012).

Com relação às imagens filmicas, é necessário reconhecer nelas uma poderosa capacidade de mobilizar a imaginação dos espectadores. Segundo Debarbieux (2004):

É também nessa perspectiva que é possível falar de um imaginário espacial para qualquer sujeito cuja geografia e práticas espaciais fazem com que todo indivíduo gerencie permanentemente um estoque de imagens herdadas de sua própria história (e trabalhadas pela memória e seu inconsciente) ou mesmo de sua condição humana (se aqui considerarmos a hipótese dos arquétipos de G. Jung), que são constantemente colocados em tensão com as imagens experimentadas em nossa vida cotidiana (DEBARBIEUX, 2004, p. 1, tradução própria).

Isso também envolve os sonhos e devaneios poéticos abordados por Gaston Bachelard (1960) ou a prática diária dos lugares e das imagens recebidas desses lugares, que nos introduz uma dinâmica do imaginário, por exemplo, atrelada à mobilidade turística e a atratividade promovida pela música brasileira (DOZENA, 2018).

É preciso ainda realizarmos uma reflexão sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da apropriação dos aspectos artísticos pela perspectiva geográfica, o que nos direciona enquanto professores e pesquisadores a uma questão de saída: de quais ferramentas teóricas, conceituais e metodológicas nós dispomos para trabalhar entrelaçadamente com as dimensões artísticas e geográficas? Nesse aspecto algo é evidente, temos visto no plano nacional e internacional pesquisas que trazem temas e discussões em que geografia e arte se sobrepõem e convergem de maneiras excitantes, demonstrando em suas conclusões possíveis respostas para esse questionamento.

Esse horizonte reflexivo supõe acionar a perspectiva do sujeito e do corpo, considerando não somente a dimensão subjetiva imbricada na experiência de um corpo engajado em uma prática artística (seja ela dança, pintura, literatura, música, poesia, poema, cartografia etc.), mas também um jogo subjetivo (consciente ou inconsciente, que atravessa o processo cognitivo de um artista ou pesquisador em geografia), em que "o corpo pode ser considerado como um operador espacial; sendo ao mesmo tempo causa e efeito das práticas espaciais" (HOYAUX, 2016, p. 11, tradução própria).

Os artistas fazem arte com o espaço e não só no espaço, apreendendo-o subjetivamente. Também os geógrafos(as) cada vez mais entram em ressonância com as abordagens artísticas, para delas se apropriar, complementar ou revisar. Somos convidados a sentir a improvisação do cotidiano, a ouvir o outro com a plenitude de nossos sentidos e a expressar das profundidades de nosso ser esse diálogo crescente entre geografia e arte: algo que é sutil, inteligível e sensível ao mesmo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diálogo com a geografia artística alemã: Kunstgeographie, Besse nos lembra que "toda criação artística se efetua envolvida pela condição espacial e do lugar" (BESSE, 2010, p. 213), a partir do aprendizado (savoir-faire) advindo das tradições culturais locais e do aprender local. Segundo o autor, a "geografia artística alemã" foi retomada pelos historiadores da arte:

Os historiadores da arte reativaram a antiga "geografia artística" (Kunstgeography), mas modificando consideravelmente os seus conceitos e métodos, e até a inspiração filosófica, formalizada nas universidades austríacas e alemãs no início do século XX (BESSE, 2010, p. 212, tradução própria).

É interessante notar que as manifestações artísticas nos lugares atuam conjuntamente em uma tripla dimensão: material, ideal e virtual (no sentido do que existe como potência ou como possibilidade), e que pelos textos literários, pelos movimentos de dança, pelos sons e pelas imagens, os artistas geram fatos visíveis e invisíveis (Merleau-Ponty, 1964) capazes de alterar expressivamente as práticas espaciais.

No caso das intervenções artísticas nas cidades, há segundo Volvey (2008) um espaço sendo constantemente concebido, a partir das atividades artísticas e, inversamente, atividades artísticas sendo formadas, de modo intrincado com o espaço, como uma dimensão que deve ser considerada. Muito mais do que discorrer sobre a relação entre espaço e atividade artística, "torna-se apropriado falar sobre a dimensão espacial da atividade artística e a dimensão artística do espaço" (VOLVEY, 2008, p. 2, tradução própria).

As manifestações artísticas nas cidades podem ser "ferramentas geográficas" que permitem destacar e compreender os movimentos de construção (ou desconstrução) do caráter público dos espaços, sobretudo em contextos metropolitanos, onde a arte é apresentada pelos artistas como forma de reinventar os espaços públicos, redefinindo as relações de diferentes públicos nos diferentes espaços, a partir por exemplo dos coletivos de artistas.

A arte tem sido igualmente um elemento de divulgação de cidades, como podemos perceber no caso das cidades musicais, o que também envolve um jogo de imagens urbanas no sentido do marketing urbano ou das cidades criativas (DOZENA, 2016a).

Os fenômenos artísticos como as batucadas no exterior (DOZENA, 2016b) e o Festival Honk Rio que acontece nas ruas e praças da cidade do Rio de Janeiro (MOREAUX, 2018), também evidenciam performances que colocam em relação os músicos com os lugares e seu público, podendo atuar como um catalisador da interação social entre indivíduos, que exibem a partir de suas manifestações artísticas, lugares de encontro com o público e o estabelecimento de possibilidades de uma vida em comum.

A produção artística, a organização de espaços culturais nas cidades e a economia política cultural local estão interconectados, demonstrando a base de uma relação entre a criação de arte e a conformação dos espaços. Somos por isso convidados a assumir uma atitude de geógrafos(as) da arte, nos variados contextos espaciais de produção de arte.

Adotando essa perspectiva geo-artística, podemos assumi-la contendo um caráter de uma certa geografia (crítica) da arte. Faz muito sentido nos interessarmos pelas manifestações artísticas na vida cotidiana das cidades brasileiras, o que pode ser a base para a vanguarda de nossos estudos. Devemos procurar a arte fora das galerias e museus, nos espaços onde a produção artística acontece e onde a vida cotidiana está em simbiose com a imaginação artística e criativa, nos moldes do que propõe Gwiazdzinski:

O geo-artista move as centralidades, contribui para recriar o espaço público e participa do surgimento de uma nova ergonomia da "cidade à la carte". Ao deixar as galerias de arte para se apropriar de todos os espaços dos centros e das margens, ele denuncia as desigualdades, assume uma posição na cidade e desafia o cidadão. Ao mover as linhas e as fronteiras, obriga todos a se moverem (GWIAZDZINSKI, 2014, p. 9, tradução própria).

A conceituação de uma geografia crítica da arte também deve reconhecer que a produção da arte que não foi totalmente mercantilizada possui um potencial significativamente maior para representar perspectivas novas e alternativas.

Nesse sentido, nossas pesquisas não devem se limitar aos (altos) locais da cultura oficial como óperas, salas de concerto, salas de dança e teatros (GRÉSILLON, 2008), em um sentido clássico e elitista do termo cultura, mas abranger os lugares de criatividade chamados de "alternativos", "off" ou "underground" (clubes de música eletrônica, circos, teatros alternativos, ateliês de artistas, centros de artes em antigas fábricas (a exemplo da antiga fábrica de chocolates e balas Bhering no Rio de Janeiro),

que se transformou em um local de ateliês, estúdios de arte, lojas e apresentações musicais (VALVERDE, 2017).

A arte é fundamental para a criação de outras realidades pelas inspirações criativas que dela brotam, e permite que a geografia se reorganize teórica-metodologicamente, em sua relação próxima, com e no mundo.

Metodologicamente, abordagens nos subcampos da geografia humanista-cultural e da geografia urbana podem ganhar em consistência, adicionando aos métodos geográficos tradicionais o confronto urbano de olhares com relação aos artistas. Esse convite, no entanto, pressupõe um pré-requisito: a formação do olhar geográfico à arte (GRÉSILLON, 2018).

Grésillon nos lembra que, em um sentido inverso, o(a) geógrafo(a), rico de seu saber, de suas experiências e de seus métodos, pode igualmente alimentar o olhar do artista criador. Por que não imaginar colaborações inéditas entre pesquisadores de geografia humana e atores cênicos? Ou o diálogo de pesquisadores(as) em geografia com coreógrafos, dançarinos e músicos de rua. O autor é certo ao recomendar que "ousemos sair de caminhos disciplinares e tomar novos caminhos. A geografia se beneficiaria em legibilidade e em legitimidade social" (GRÉSILLON, 2008, p. 197, tradução própria).

A sensibilidade, o conhecimento e os modos de vida dos artistas nas cidades, com suas criações, olhares e intervenções originais, podem ser uma rica contribuição para melhor compreender e intervir nos espaços públicos, fornecendo-nos parâmetros adicionais para a nossa experiência de mundo e para a invenção de novas possibilidades diante dos problemas nas grandes cidades.

Os olhares dos artistas nas cidades iluminam os olhares dos geógrafos. Por outro lado, as cidades emergem como lugares de inspiração e de experimentação privilegiada aos artistas, sobretudo as grandes cidades, pela diversidade de seus habitantes, com seus ritmos, seus ruídos e sua complexidade.

No domínio da dança contemporânea, muitos coreógrafos receptivos a matéria urbana na qual eles se situam, não somente lançam um olhar vivo e original sobre a cidade, como também fazem dela (matéria urbana) a matriz fundamental para as suas criações (GRÉSILLON, 2008). Nesse contexto, as cidades se revelam como um excepcional laboratório artístico. Citamos como exemplo a Companhia de Dança Deborah Colker, que em seu último espetáculo intitulado *Cão sem plumas* de 2017, inspirou-se no poema homônimo de João Cabral de Melo Neto, que versa sobre o

percurso do rio Capibaribe, a pobreza da população ribeirinha, o descaso das elites e a vida no mangue.

Por outro lado, imergindo na cidade diariamente, o(a) criador(a) vê sua inspiração e suas regras de criação profundamente modificadas. Dificilmente ele sai ileso da crise, tanto física quanto social, que afeta o urbano. O(A) artista criador(a) ganha em troca a possibilidade de se "revitalizar" (AUGOYARD, 2000).

A cidade é igualmente adornada com novas cores, sons e estéticas com as artes de rua, que é uma arte efêmera e deambulatória. Com o teatro de rua, por exemplo, alguns espaços das cidades tornam-se palcos.

Por isso, a arte em geral e a criação artística em particular, a partir de seus lugares, seus atores, sua relação íntima com a cidade, constituem não apenas um objeto de estudo fértil para a geografia, mas também uma entrada relevante para o(a) geógrafo(a) que tenta decifrar as complexidades do urbano.

Buscamos demonstrar nessas linhas que nesses horizontes geográfico-artísticos que se anunciam há fertilizações recíprocas entre a cidade e os artistas, e a arte se renova por suas margens. Tanto na arte quanto na ciência, são frequentemente as margens que revigoram o centro, em um diálogo contínuo. Para mim, é nítido que essas renovações estão acontecendo.

REFERÊNCIAS

AUGOYARD, Jean-François. "L'action artistique dans l'espace urbain", in : **Cultures en ville, ou de l'art et du citadin**, coordonné par Jean Métral, Éditions de l'Aube, 2000, p. 17-31.

BACHELARD, Gaston. **La poétique de la rêverie**. Paris: Les Presses universitaires de France, 4 e édition, 1968, 185 pp. Collection : Bibliothèque de philosophie contemporai-ne. 1ère édition, 1960.

BESSE, JEAN-MARC. **Approches spatiales dans l'histoire des sciences et des arts**. Belin. L'espace géographique, 2010. Tome 39, p. 211 - 224. Disponível em: <https://www.cairn.inforevue-espace-geographique-2010-3-page-211.htm>

BOICHOT, C.; D EBROUX, T. et GRESILLON, B. "Éditorial : Art(s) & Espace(s) / Art(s) & Space(s) », **Belgeo**, 3 | 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/belgeo/13398>

DEBARBIEUX B. Imaginaire spatial. In: **Hipergéo - encyclopédie électronique, en accès libre, consacrée à l'épistémologie de la géographie**, 2004. Disponível em: <http://www.hypergeo.eu/spip.php?article208>

DELEUZE G., GUATTARI F. **Qu'est-ce que la philosophie ?** Éditions de minuit, 1-206, 1991.

DOZENA, Alessandro. Reestruturação produtiva e os segmentos criativos no estado do Rio Grande do Norte (RN). Edição especial - **Revista Formação**, n.23, volume 1, 2016a, p. 201 - 218.

DOZENA, Alessandro. O imaginário utópico brasileiro nas práticas festivas europeias. **Geosp - Espaço E Tempo (Online)**, 20(3), 568-584, 2016b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2016.115328>

DOZENA, Alessandro. **A difusão mundial da musicalidade brasileira: uma reflexão geográfica**. Revista Geograficidade, v.8, 2018, Número Especial - Geografia, Músicas e Sons. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geograficidade/issue/view/1454/showToc>

FERRETTI, Federico. La nature comme oeuvre d'art: Élisée Reclus et les (néo)impressionnistes, **Belgeo** [En ligne], 3 | 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/belgeo/13207> ; DOI : 10.4000/belgeo.13207

FERRETTI, Federico. « Cartografia e educação popular », **Terra Brasilis (Nova Série)** [Online], 1 | 2012. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/164> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.164

GRÉSILLON, Bóris. Ville et création artistique. Pour un autre approche de la géographie culturelle. **Annales de Géographie**, p. 179 - 198, 2008.

GWIAZDZINSKI, Luc. De l'espérance géo-artistique à un nouveau design métropolitain. Hybridation des pratiques et esthétisation des espaces publics. In: Serge DUFOULON & Jacques LOLIVE. **Esthétiques des espaces publics**, L'Harmattan, pp.149-183, 2014.

HOYAUX, André-Frédéric. Corps en place, place du corps. **L'Information géographique** 2016/2 Vol. 80, pp. 11-31. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-l-information-geographique-2016, page-11.htm>

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p7-26, jan./jun, 2010.

MERLEAU-PONTY Maurice, 1964, **Le Visible et l'Invisible suivi de notes de travail**, Paris, Gallimard.

MONTEIRO, Antônio A. F. Entrevista com Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro: Depoimento de um geógrafo da segunda metade do século XX. In: **Contribuições geográficas**. Fillipe Torres, Ricardo Dagnino e Antonio de Oliveira Jr. (org.) Ubá: Ed. Geographica, 2009, p. 13-46.

MOREAUX, Michel. Geografia e sons: desafios teóricos, abordados através das intervenções dos artistas de rua na cidade, vistas como micro-eventos sonoros.

Geograficidade, Vol. 8 (2018). Número Especial - Geografia, Músicas e Sons, p. 155-174.

NOVAES, Adauto. Constelações. In: **Artepensamento**. (org.). São Paulo: Cia. das Letras, 1994. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/constelacoes/>

RECLUS Elisée. "On spherical maps and reliefs". **The Geographical Journal**, 3, p. 290-293, 1903. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1775189?seq=1>

SEEMANN, Jorn. Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. In: Marandola (org.) **Qual o espaço do lugar?: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 69-92.

VALVERDE, Rodrigo. A Fantástica Fábrica de Chocolates: oportunidades e desafios de uma indústria cultural na antiga fábrica Bhering, Rio de Janeiro. **Boletim Campineiro de Geografia**. v. 7, n. 1, 2017.

YOUCHENKO, Matthias. "La carte de l'identité. Quel territoire dessinons-nous avec nos déplacements ? **Quant à la danse**, nº 5, 2007, pp. 54-59.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.37, p.01-15, 1947.

VOLVEY, Anne Volvey; BOISSIÈRE, Anne, FABBRI, Véronique. **Activité artistique et spatialité**. L'Harmattan, p.274, 2008.

Submetido em: 20/07/2026

Aceito em: 08/09/2026